

Falta de diálogo na família favorece uniões frustrantes

NILZA GUNE

Os pais têm a responsabilidade e obrigação legal de proteger os seus filhos até atingirem a idade em que terão autonomia para tomar decisões importantes sobre a sua vida.

Quando os adolescentes começam a ter mudanças no corpo, comportamentos, atitudes e sobretudo dúvidas sobre os sentimentos, emoções, os pais que têm experiência de vida precisam ajudá-los a compreender essas transformações.

Segundo o psicólogo Cremildo Chichongue, os pais e encarregados de educação precisam ainda explicar abertamente aos filhos sobre a vida sexual e as paixões a que estão sujeitos nessa fase.

Caso esse ensino e conversa não aconteça na família, o adolescente terá curiosidades não explicadas, correndo o risco de se envolver sem protecção e engravidar sem ter planificado.

Foi por falta dessa instrução e ensino que Gilda Bacule, de 18 anos, órfã de pai e mãe, que cresceu sob os cuidados de uma tia, engravidou no ano de 2019 quando se envolveu, pela primeira vez, com um jovem de 20 anos.

Gilda Bacule disse que na altura não tinha conhecimento



A agressão é uma das consequências das uniões prematuras

a sobre vida sexual e nunca tivera oportunidade de conversar com a sua tia ou qualquer membro da família sobre o assunto. O envolvimento íntimo com o namorado foi por insistência deste, conta.

“Começámos a namorar em Maio e em Junho fizemos o que fizemos. Engravidei logo. Eu não sabia que depois de ver o período poderia ficar grávida”, disse.

Gilda Bacule tentou esconder a situação da família, sobretudo da sua tia, mas esta

descobriu e exigiu que lhe mostrasse a pessoa com quem

se envolvera.

Entretanto, num encontro

Traições e desrespeito

SHEILA Casimiro é outra adolescente que engravidou aos 18 anos e foi de imediato obrigada a viver em casa do pai da criança pela sua própria irmã.

E porque o pai da criança não tem casa própria, Sheila vive na casa da sogra, a única que a apoia, diz, pois o namorado não “me trata com carinho nem amor”.

“Ele sai do trabalho e vai à sua vida sem dar satisfações. Quando chega sexta-feira, por exemplo,

sempre volta no dia seguinte (sábado) bêbado. Quando reclamo, começa a insultar-me”, contou, com muita tristeza. Avançou que o companheiro a impede de trabalhar por ciúmes.

Sheila Casimiro sofre, mas relata que não pode sair, pois não tem onde viver, uma vez que a irmã a expulsou de casa.

Sheila Casimiro cresceu sob os cuidados da irmã e o convívio em casa era muito tenso e nunca houve espaço para conver-

entre as duas famílias, o jovem negou a paternidade. Esta viria a ser “confirmada”, porém; depois que a tia do rapaz, médica tradicional, “consultou os espíritos”. O jovem é também órfão de pai e mãe e cresceu sob os cuidados da referida tia.

Esclarecidas as coisas, logo que deu à luz, Gilda foi levada directamente para casa onde vivia o pai da sua filha.

“Depois de ter alta hospitalar, ela (minha tia), ao invés de dizer para irmos para casa, disse que tínhamos de ir para casa do pai da criança. A minha tia foi quem me obrigou a ir para o lar, porque eu já era mãe”, contou Gilda.

Revelou que durante a gravidez não teve, pelo menos, um mínimo de instrução de como cuidar de uma criança da sua mãe (tia) ou de outro membro da família.

sa, principalmente depois de se descobrir a gravidez.

Lembrou que várias vezes teve vontade de conversar com a sua irmã sobre os seus sonhos, desejos e até da vida sexual, mas esta nunca demonstrou interesse e muito menos criou ambiente.

“Eu não atribuo culpa a ninguém pelo facto de ter engravidado cedo, mas acredito que, se a mana fosse aberta, ter-me-ia alertado ou proibido de muitas situações”, disse.

Conversa evita muitos males

QUANDO as raparigas engravidam ou se unem cedo, faltou educação desde criança e, para evitar tudo isso, é necessário diálogo. Nesse diálogo precisa-se ensinar como é que a rapariga se deve comportar e ser, afirma a mãe e pastora Susana Samuel.

“O que os pais devem fazer é dialogar, e não ditar. Conversar com o seu filho, explicando as consequências de engravidar cedo, do consumo de drogas ou de outros males. Nós os pais não nos devemos apresentar muito duros, mas sim abertos para que os filhos contem tudo sobre si”, disse, sublinhando o diálogo.

A pastora critica o facto de se forçar a rapariga a viver com o pai da criança, pois esta ati-



Caso a família da menina exija conhecer o responsável da gravidez, Susana Samuel avançou que, depois de se apresentar, a adolescente deve regressar à casa dos pais e continuar a ser educada até atingir idade para contrair matrimónio.

“Não é lícito deixar a rapariga em casa do jovem antes dos procedimentos do casamento, cujo acto deve ser de livre e espontânea vontade, partindo do fundo do coração dos dois e salvaguardadas todas as condições psicológicas, emocionais e financeiras”, apontou.

Referiu que, apesar de os adolescentes engravidarem, não significa que estes são adultos e, por isso, precisam



A adolescente com o seu filho tentando gerir um lar sem apoio do seu companheiro



A adolescente com o seu filho tentando gerir um lar sem apoio do seu companheiro

Rejeição

GILDA Bacule foi obrigada a viver com o jovem em casa da tia do namorado. Com esta atitude, disse que se sentiu rejeitada pela própria família que, no lugar de ampará-la e instruir, optou em deixá-la sob os cuidados de uma outra família.

Contou que logo nas primeiras semanas de convivência começou a viver sucessivas traições do seu companheiro, que aconteciam com o conhecimento dos familiares.

Além das traições, Gilda Bacule disse que o jovem lhe atribuiu muitos nomes pejorativos como “demónio” sempre que lhe chama atenção.

O companheiro terminou a 12.ª classe, mas não quer saber de procurar emprego para cuidar da criança e, por isso, quem paga todas as despesas da criança é a tia.

Questionada se não deseja abandonar o lar, Gilda Bacule respondeu: “Já pensei em separar-me, mas gosto muito dele. Quando ele me decepciona, penso em deixá-lo, mas depois mudo de ideia porque não posso tomar decisões enquanto estou nervosa”, argumentou.

na casa da sogra, a única que a apoia, diz, pois o namorado não “me trata com carinho nem amor”.

“Ele sai do trabalho e vai à sua vida sem dar satisfações. Quando chega sexta-feira, por exemplo,

relata que não pode sair, pois não tem onde viver, uma vez que a irmã a expulsou de casa.

Sheila Casimiro cresceu sob os cuidados da irmã e o convívio em casa era muito tenso e nunca houve espaço para conver-

e muito menos criou ambiente.

“Eu não atribuo culpa a ninguém pelo facto de ter engravidado cedo, mas acredito que, se a mana fosse aberta, ter-me-ia alertado ou proibido de muitas situações”, disse.

Conversa evita muitos males

QUANDO as raparigas engravidam ou se unem cedo, faltou educação desde criança e, para evitar tudo isso, é necessário diálogo. Nesse diálogo precisa-se ensinar como é que a rapariga se deve comportar e ser, afirma a mãe e pastora Susana Samuel.

“O que os pais devem fazer é dialogar, e não ditar. Conversar com o seu filho, explicando as consequências de engravidar cedo, do consumo de drogas ou de outros males. Nós os pais não nos devemos apresentar muito duros, mas sim abertos para que os filhos contem tudo sobre si”, disse, sublinhando o diálogo.

A pastora critica o facto de se forçar a rapariga a viver com o pai da criança, pois esta atitude prejudica e compromete o futuro dos filhos.



Pastora Susana Samuel

Caso a família da menina exija conhecer o responsável da gravidez, Susana Samuel avançou que, depois de se apresentar, a adolescente deve regressar à casa dos pais e continuar a ser educada até atingir idade para contrair matrimónio.

“Não é lícito deixar a rapariga em casa do jovem antes dos procedimentos do casamento, cujo acto deve ser de livre e espontânea vontade, partindo do fundo do coração dos dois e salvaguardadas todas as condições psicológicas, emocionais e financeiras”, apontou.

Referiu que, apesar de os adolescentes engravidarem, não significa que estes são adultos e, por isso, precisam ser constantemente educados, preendidos e escutados.

Propicia ciclo de depressão

NENHUMA adolescente está capacitada para gerir um lar, pois não está em condições físicas e psicológicas, correndo o risco de viver um ciclo de depressão.

Segundo o psicólogo Cremildo Chichongue, a depressão vai surgir pelo facto de o responsável pela gravidez não respeitar a rapariga, por ainda querer relacionar-se com outras meninas, pois não está preparado para iniciar um lar.

Ainda de acordo com Chichongue, uma vez que a adolescente não está preparada para viver como mulher, tem a probabilidade de ter uma descontinuidade de vida, no sentido de futuramente ser mulher

autónoma, trabalhadora, continuar os estudos ou, por outro lado, ser traumatizada, pois

deve cuidar de si, da criança, do marido, que geralmente não a respeita.



Psicólogo Cremildo Chichongue